

A CARNE MAIS BARATA DO MERCADO: COMO A BURGUESIA BRASILEIRA SE ALIMENTOU DO SOFRIMENTO DE MULHERES NEGRAS¹

Sophia de Aguiar VIEIRA²; Rodrigo Moreno MARQUES³

¹ GT 8 – Estudos Críticos sobre identidade, gênero e raça

² Bacharel em Biblioteconomia pela Escola de Ciência da Informação (ECI) da UFMG. Mestranda em Ciência da Informação pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI) da ECI/UFMG. sophiaveira.ufmg@gmail.com.

³ Doutor em Ciência da Informação pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI) da Escola de Ciência da Informação da UFMG. Professor e pesquisador da Escola de Ciência da Informação da UFMG. rodrigomorenomarques@yahoo.com.br

RESUMO

A investigação objetiva analisar como o capitalismo e as elites brasileiras se alimentam da exploração de mulheres negras. Para atingir esse objetivo, será feita a análise historiográfica da situação da mulher negra no Brasil por meio das lentes de Lélia Gonzalez, considerando o materialismo histórico e as divisões de classe discutidos por Karl Marx, e considerando também o racismo e o sexismo contra mulheres negras, discutidos por Bell Hooks.

Marx e Engels (2007, p. 29) definem que “a ‘libertação’ é um ato histórico e não um ato de pensamento, e é ocasionada por condições históricas, pelas condições da indústria, do comércio, da agricultura, do intercâmbio”. Adicionalmente, Marx (2017, p. 852) destaca que os aspectos raciais são parte do conjunto das circunstâncias reais que fazem com que uma mesma base econômica possa se manifestar de diferentes maneiras em distintos contextos históricos e regionais.¹

Esses princípios indicam que a liberdade é uma possibilidade que depende, não só das dinâmicas econômicas envolvidas na produção e reprodução da vida, mas também das condições raciais e de gênero, que são histórica e geograficamente específicas.

O desenvolvimento do conceito de raça para a subjugação de sujeitos não-brancos foi essencial, durante séculos, para o sequestro de povos africanos e seu deslocamento forçado para as Américas para trabalho escravo. É a partir do racismo que o capitalismo cria um relevante contingente do exército industrial de reserva como também uma massa marginal crescente em face de trabalho em um setor hegemônico² (Gonzalez, 2020). E a criação dessa massa para o setor industrial também se

1 Nos termos de Marx (2017, p. 852), “é na relação direta entre os proprietários das condições de produção e os produtores diretos [...] que encontramos o segredo mais profundo, a base oculta de todo o arcabouço social e, conseqüentemente, também da forma política das relações de soberania e de dependência, isto é, da forma específica do Estado existente em cada caso. Isso não impossibilita que a mesma base econômica – a mesma no que diz respeito às condições principais –, graças a inúmeras circunstâncias empíricas de diversos tipos, condições naturais, raciais, influências históricas externas etc., manifeste-se em infinitas variações e matizes, que só se podem compreender por meio de uma análise dessas circunstâncias empíricas”.

² Ao se referir ao setor hegemônico, Gonzalez (2020) se refere ao capital monopolista. Isso pois, no que se refere à formação econômica no Brasil, coexistem três processos distintos de acumulação: o capital comercial, o capital industrial competitivo e o capital industrial monopolista. O capital monopolista é hegemônico sobre os demais, considerando as articulações entre os três setores. Todavia, deve-se ressaltar que todos estes setores têm relativa autonomia, apesar de que existe uma relação de interdependência entre eles para a manutenção do sistema como um todo. Tal coexistência, contudo,

dá a partir da divisão sexual do trabalho e da expropriação do direito de produção e reprodução da vida, incluindo o direito reprodutivo e o direito ao bem viver das mulheres. Assim, uma tríplice opressão recai sobre a mulher negra, isto é, opressão de classe, de raça e de gênero (Gonzalez, 2020).

No que refere às mulheres negras nesse contexto, a situação se intensifica quando, além da sua exploração pela raça, une-se a exploração de gênero que, ao mesmo tempo que as reifica, as desumaniza e tira suas liberdades e seus pertencimentos de mundo. A violência contra a população negra sempre contou com requintes de crueldade. Entretanto, para mulheres negras, tais violações vieram atreladas também à violência sexual, obstétrica e de gênero (Hooks, 2019). Durante os anos, as formas de opressão, reificação e exploração das mulheres negras adquiriram novas roupagens, mas continuam a serviço do capital e dos desejos de uma elite que personifica a dominação do capital.

A opressão, como subproduto e ferramenta do capitalismo, é imprescindível para acumulação de capital desde o surgimento desse modo de produção e das relações sociais que lhes são subjacentes. Como Marx e Engels (2008) afirmam, a sociedade burguesa que nasceu com o declínio feudal, não acabou com as contradições de classe. Ela desenvolveu novas relações sociais, novas formas de opressão e novas formas de luta. No contexto brasileiro, a constituição do país como um Estado-Nação está atrelada à divisão desigual de classes e suas interseccionalidades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**. RIOS, F.; LIMA, M. (org.). 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

HOOKS, Bell. **E eu não sou uma mulher?** 1ª ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

MARX, Karl. **O Capital**, livro III. São Paulo: Boitempo. 2017.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. Feuerbach e história: rascunho e anotações. *In*: MARX, K.; ENGELS, F. **A ideologia alemã**: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer, e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas. São Paulo: Boitempo Editorial, 2007.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do partido comunista**. 1ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

AGRADECIMENTOS

A pesquisa recebeu apoio financeiro do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

demonstra que este desenvolvimento desigual e dependente mescla e integra diferentes momentos históricos. (Gonzalez, 2020)